

ELEIÇÃO EM PORTUGAL / O socialista António José Seguro massacra rival extremista e leva a esquerda de volta à presidência após 20 anos, com plataforma moderada e apoio dos políticos tradicionais do centro e da direita clássica

Rejeição barra a extrema-direita

Nem as tempestades das últimas semanas, nem a abstenção na casa de 50% impediram que os eleitores portugueses confirmassem ontem, nas urnas, aquilo que as pesquisas de opinião apontavam, de maneira categórica, desde o primeiro turno das eleições presidenciais em Portugal: António José Seguro, do Partido Socialista, ancorado no apoio declarado ou silencioso de quase todo o espectro político, venceu de maneira categórica o candidato da extrema-direita, André Ventura, do Basta. Apurados 95% dos votos, Seguro se consagrou com quase 66,7% (dois terços dos votantes), contra 33,3%. Números consistentes com a rejeição de 60% ao rival, embora o discurso anti-imigração tenha feito de sua legenda a segunda força do Parlamento, nas legislativas de 2025.

"A resposta que o povo português deu hoje, o seu compromisso com a liberdade, a democracia e o futuro do nosso país, deixa-me, naturalmente, comovido e orgulhoso da nossa nação", disse o presidente eleito aos jornalistas, em meio às comemorações no comando de campanha socialista. Identificado com a ala mais moderada do partido, Seguro lançou mão da longa experiência política para se colocar com precisão na disputa mais crucial das últimas décadas — a primeira, desde 1986, decidida no segundo turno. Atraiu o apoio do centro e até mesmo de parte da direita clássica, e mesmo o primeiro-ministro Luís Montenegro, conservador e adversário frontal, limitou-se a não declarar o voto para a votação decisiva.

A esquerda volta a ocupar a presidência, depois de 20 anos, em uma conjuntura que espelha as incertezas vividas na Europa, em meio à ascensão de forças de extrema-direita em alguns dos principais centros políticos do continente. Na Itália, pertence a esse campo a primeira-ministra Giorgia Meloni, à frente de uma coalizão de direita. Na França, a Reunião Nacional, de Marine Le Pen, detém a maior bancada da Assembleia Nacional, embora siga na oposição. Na Alemanha, uma legenda com traços neonazistas é hoje a principal força de oposição ao governo de coalizão entre democratas-cristãos e social-democratas.

Patrícia de Melo Moreira/AFP



O presidente eleito comemora a vitória impositiva em meio aos simpatizantes do PS, em Lisboa: "Orgulhoso da nossa nação"

Filipe Amorim/AFP



André Ventura, do Chega: "Vou liderar a direita"

Personagem da notícia

O senso agudo do momento

» SILVIO QUEIROZ

Os amigos e correligionários mais próximos chamam de "Tozé" o presidente eleito de Portugal. Mas o apelido afetuoso jamais se tornou marca registrada do político que, ao longo da carreira, preferiu sempre a discrição e a militância cotidiana aos holofotes. António José Seguro chega ao ápice da trajetória, a um mês de completar 64 anos, em um momento que parece ter sido construído para ele — mas quem o conhece e acompanha enxerga, na vitória consagradora de ontem, a receita clássica do "homem certo no lugar e no momento certos".

Seguro é um português típico do interior, nascido em Penama-

cor, cidade pequena da região central do país, na fronteira com a Espanha. Mas foi na capital, Lisboa, que se formou em ciência política e relações internacionais. E ali seu caminho se cruzou com o do Partido Socialista, que tinha como figura de proa seu líder histórico, Mário Soares, ex-primeiro-ministro e então presidente da República.

Mas foi sob a influência do hoje secretário-geral da ONU, António Guterres, que começou sua escalada nas fileiras do partido. Dirigente da Juventude Socialista entre 1990 e 1994, elegeu-se deputado em 1991 e passou a integrar a Comissão Permanente do Secretariado Nacional, núcleo duro da ala conhecida como "gutierrezista". O caminho seguiu ascendente por mais uma década, até que, em 2004, atendeu a apelos e desistiu de disputar o comando do PS com José Sócrates, que em 2005 se tor-

naria primeiro-ministro. "Qual é a pressa?" tornou-se seu mantra.

E voltou a regecer a carreira de Seguro em 2014, quando, já como secretário-geral, perdeu para António Costa, hoje presidente do Conselho Europeu, as eleições internas. Novamente, a chance de tornar-se chefe de governo escapou das mãos. Desta vez, porém, a retirada foi mais radical: afastou-se da vida partidária, retornou a cátedra e, como Augusto Matraga, personagem clássico de Guimarães Rosa, pôs-se a esperar sua vez e sua hora.

Ela chega, depois de uma década, no momento em que Portugal demonstra, com a votação consagradora, que escolhe a constância e a estabilidade para conter a marcha da extrema-direita, assentada na contestação aos "políticos de sempre". O presidente eleito é o homem que ressurge em resposta à necessidade.



A resposta que o povo português deu hoje é o seu compromisso com a liberdade, a democracia e o futuro do nosso país"

António José Seguro,
presidente eleito de Portugal

domingo, em alguns municípios do centro e sul do país, com um total de 37 mil eleitores — 0,3% do total nacional. "Acho que isso transformou alguns portugueses em cidadãos de segunda classe", protestou Ventura na chegada ao local de votação.

Dante dos resultados, o líder do Basta exerceu uma atitude republicana, cumprimentou o vencedor e fez votos para uma presidência bem-sucedida. "Independentemente de termos sido adversários, o sucesso de António José Seguro à frente de Portugal será o sucesso de todos, e tive oportunidade de lhe transmitir isso mesmo". Confianto na trajetória de sua legenda, Ventura chamou para si a liderança "de todo o campo não socialista", invocando os resultados do primeiro turno — quando obteve 23,5%, contra os 31% do socialista, e superou os demais candidatos de centro e direita.

"Todo o sistema político, tanto de direita quanto de esquerda, uniu-se contra mim", disse aos jornalistas à saída de uma missa, em Lisboa. "Mesmo assim, acredito que a liderança da direita portuguesa foi definida e consolidada hoje", proclamou. "Espero liderar esse espaço político a partir de agora."

Jogo de poder

No Parlamento português, as eleições de 2025 fizeram do Chega a segunda maior bancada, à frente do PS e atrás apenas da coalizão de

centro-direita chefiada por Montenegro, que governa em minoria. O sistema político nascido da Revolução dos Cravos, de 1974, adota um modelo semipresidencialista. Cabe ao premiê formar o governo e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administra os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo